

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

E AGORA, COMO FICA O ENSINO DA GEOGRAFIA COM A GLOBALIZAÇÃO?

Antonio Carlos Castrogiovanni
Boletim Gaúcho de Geografia, 21: 95-97, ago., 1996.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38634/26359>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - ago., 1996

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

E AGORA, COMO FICA O ENSINO DA GEOGRAFIA COM A GLOBALIZAÇÃO?

Antonio Carlos Castrogiovanni *

Neste final de século é usual a expressão: vivemos numa Aldeia Global! Mas o que significa Aldeia Global? O que representa para o trabalho do professor de geografia estarmos numa Aldeia Global?

Segundo Octávio Ianni (1995) ¹, o conceito ou idéia de Aldeia Global está inserida na expressão da globalização das idéias, padrões, valores sócio-mundiais e imaginários. Deve também ser vista como uma cultura de massa, que massifica, homogeneíza; como um mercado de bens culturais, universo de signos e símbolos, linguagens e significados que povoam o modo pelo qual uns e outros situam-se no mundo ou pensam, imaginam, sentem e agem.

Com as tecnologias modernas, os meios de comunicação passam a orientar, a conduzir o comportamento social. Eles ultrapassam as fronteiras políticas e culturais. Rompem com as barreiras lingüísticas, com os regimes políticos e religiosos, com as desigualdades e diversidades socioeconômicas.

Segundo ainda o autor, a mídia eletrônica e a imprensa passam a “desempenhar o singular papel de intelectual orgânico dos centros mundiais de poder, dos grupos dirigentes das classes dominantes” (pág. 95).

A mídia eletrônica e a imprensa, mais do que nunca delineiam a conduta do cidadão. Geram o esquecimento de que, exercer cidadania é estar no gozo dos seus direitos civis e políticos de um Estado e o seu desempenho no exercício dos deveres para com este. Exercer cidadania é eleger representantes que defendam o ideário social do sujeito e não a satisfação apenas de seus desejos pessoais. É buscar a clareza das necessidades coletivas e dos caminhos políticos.

A mídia eletrônica e a imprensa rompem com a construção plena da psicogênese e da sociogênese espaço-temporal. Como ser cidadão, lutar por direitos, interpretar os deveres, se não forem construídas as representações espaço-temporais do mundo referencial (espaço e tempo vividos e percebidos), onde está inserido mais concretamente o indivíduo?

Com a globalização há uma tendência de tornarem-se tudo representações estilizadas, realidades pasteurizadas e virtuais. O específico precisa ser homogeneizado, integralizado nos padrões universais. Tudo se globaliza, como se as coisas, as pessoas e as idéias se transfigurassem pela magia da multimídia.

É preciso perceber não mais pelas emoções, pelas experiências, mas pelas sensações provocadas pelos meios de comunicação. São eles que nos robotizam os sentimentos (podem existir ainda sentimentos?)

A principal meta da globalização tem sido o mercado, a capitalização universal de tudo e de todos. Cuidado! Também a Geografia está sendo capitalizada frente a globalização.

Mais do que nunca, com novas propostas de ordem social, de blocos econômicos de (re) organização do capital, de mercados modernos e oligopolizados, é fundamental que o ensino da Geografia, principalmente no Primeiro Grau, analise e textualize o locacional, as vivências, as diferenças, os conflitos e as ansiedades dos alunos.

Como afirma o educador Paulo Freire (1995), “minha terra é a coexistência dramática de tempos díspares confundindo-se no mesmo espaço geográfico”. Toda “terra” é o resultado de “um espaço histórico, contraditório, que me exige como a qualquer outro decisão, tomada de posições, ruptura, opção” (págs. 26-7).

No ensino da Geografia deve ser priorizado o entendimento dessa “coexistência dramática” das diferentes “terras”. Devem ser refletidos e teorizados tais “espaços históricos” e “contraditórios”, associando-os num constante movimento entre o vivido/percebido e o conceitual/teórico.

É importante não esquecer – *o homogêneo não existe*. É a singularidade dos lugares que os fazem nascer e existir.

Nas palavras de Milton Santos ², “o mundo que nós conhecemos não é o mundo verdadeiro. Ele não existe. Ele é o mundo que nos fazem acreditar existir”.

Professores, atenção! Nós fazemos também com que os alunos creiam que ele exista e, muitas vezes, que ele é único e é o mais compreensível.

O mundo do aluno, o mundo do professor, o mundo das referências locais, o mundo da alma, da paixão, da solidariedade, do prazer coletivo, nem sempre pode existir na globalização. Como trabalhar com o ensino da Geografia sem este mundo? Como trabalhar com as crianças sem o mundo da fantasia e do imaginário?

Quando não lidamos com as particularidades dos diferentes lugares, dos distintos mundos, materializa-se o mundo dos interesses. Esse é o mundo tecnocrata; da economia, das transnacionais. É o mundo da abstração, do incompreensível para muitos. É o mundo que não necessita ser refletido. Deve ser visto como completo, como intocável e de total excelência. Ele próprio vai se reorganizando através de mecanismos reguladores capitalistas. É o Mundo Fantástico!

A Geografia neste mundo corre o risco de tornar-se homogênea e transparente. O invisível quando não tem sentido deixa de existir. A riqueza do espaço-temporal tratado pela Geografia desaparece na globalização.

O processo de aprendizagem deve possibilitar que o aluno construa não apenas conceitos e categorias já elaboradas socialmente, mas que (re) signifique tais instrumentais a partir da compreensão do particular, do poder ser diferente nas interpretações e mesmo assim fazer parte do contexto.

O ensino da Geografia deve priorizar a análise do espaço vivido e as práticas do espaço percebido, transpondo-as para as representações do espaço concebido. Devemos conhecer a psicogênese das operações e representações do espaço-temporal assim como suas questões sócio-espaciais.

O ensino da Geografia deve oportunizar situações em que o aluno teorize e textualize as suas significações. Chega de ver o mundo em segunda mão!

Professores, a riqueza da existência humana e a necessidade por existir a Geografia está no fato de sermos diferentes e existirem diferentes lugares.

Crescemos ao conflitar tais diferenças. Ninguém cresce nas semelhanças. Ninguém existe na transparência.

¹ O ideário que envolve o conceito de Aldeia Global foi transcrito e encontra-se explicitado em grau e excelência na obra *Teoria de Globalização* de Octávio Ianni. Sugerimos a leitura integral da obra pela clareza e precisão também de outras referências relacionadas à Globalização.

² Esta citação foi coletada na conferência ministrada pelo professor Dr. Milton Santos durante a Aula Inaugural do Primeiro Semestre Letivo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no dia 10 de abril de 1996 – Porto Alegre.

FREIRE, Paulo. *A Sombra Desta Mangueira*. Ed. Olho D'Água, São Paulo, 1995.

IANNI, Octávio. *Teorias da Globalização*. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1995.

SANTOS, Milton. *Técnica Espaço Tempo: Globalização e meio Técnico-Científico Informacional*. Ed. Hucitec, São Paulo, 1994.

* Professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Texto apresentado no XVI Encontro Estadual de Professores de Geografia – Passo Fundo – 1996.